



MIKHAIL BAKHTIN E AS REDES SOCIAIS: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Gustavo Said¹

Pedro Alexandre Cabral²

Resumo

O homem sempre se pautou como animal gregário que necessita incessantemente de grupos sociais para afirmar sua existência. Mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico vigente nos últimos séculos, o que se tem percebido é um esforço para criar mecanismos que pudessem respaldar essa necessidade de socialização. Deste modo, percebe-se que nos últimos anos houve um crescimento exponencial de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) buscando, de tal forma, potencializar as formas de comunicação. Neste contexto, a Comunicação Assistida por Computador, CAM, e o uso massivo da internet alicerçado pelas redes sociais tem alterado, de modo significativo, as formas de interações, criando assim novos formatos e neologismos além de potencializar o uso da linguagem e a criação de diálogos multifacetados, proporcionando de tal forma uma polifonia orquestrada pela articulação de várias comunidades virtuais. A partir disso, podemos indagar se os pensamentos do filósofo Mikhail Bakhtin acerca de dialogismo e polifonia podem ser aplicados à análise das interações em redes sociais.

¹ Gustavo Said é doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos professor do mestrado em Comunicação pela universidade Federal do Piauí. E-mail: gsaid@uol.com.br

² Pedro Alexandre Cabral é Bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Especialista em Administração Estratégica pelo Centro de Ensino Unificado de Teresina-CEUT. Mestrando em Comunicação no PPGCOM da UFPI. E-mail: pedroale@pedroale.com.

Palavras-chave: Redes Sociais. Mikhail Bakhtin. Polifonia. Dialogismo.

Introdução

A sociedade contemporânea está cada vez maior imersa em redes de conexões digitais, nas quais os fluxos de informações estão quase sempre associados a uma “inócua” conversa polissêmica nos mais variados canais. A conectividade dá lugar à construção de novos artefatos tecnológicos, mas pode-se perguntar se ela está, de fato, a serviço de uma necessidade básica da existência humana: a socialização.

Inobstante a esses novas tecnologias e a esta pujante necessidade de criação e manutenção de diálogos, sejam eles online ou não, a humanidade vem criando “neologismos” linguísticos tais como *cutucas*, *shares*, *unfollowns*, mas o que fica latente nestes novos métodos e nos antigos é que “todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”(BAKHTIN, 2003, p. 28).

Mesmo antes do surgimento da internet essas interações sociais, via tecnologia, já eram percebidas. O processo se deu com o surgimento dos meios de transporte e de comunicação (MCLUHAN 1964). Com o uso e acesso a novos serviços e produtos tecnológicos, sobretudo os advindos da internet e, de uma forma mais fecunda as redes sociais, temos percebido a articulação de plataformas tecnológicas para formação de novas comunidades e criação de mecanismos cada vez mais interacionais, onde, possivelmente, se renovam de forma intensa e reforçam a construção de discursos polifônicos e dialógicos.

Diante desta premissa, o presente trabalho pretende discutir, a partir da teoria de

Mikhail Bakhtin, a forma como se dá a interação nas redes sociais, tendo como objetivo capital aproximar e criar alguns nexos entre o que é preconizado por Bakhtin e as considerações que perpassam o entendimento acerca de cibercultura e os sistemas de rede social.

Redes sociais e o pensamento bakhtiniano

A evolução tecnológica vem refletindo diretamente sobre as sociedades e principalmente sobre o comportamento humano. Percebemos que houve um crescimento exponencial de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos últimos séculos. De modo geral, todas essas tecnologias impulsionaram uma nova lógica social e cultural e, dentro desta premissa, o homem passa a ser criador e usuário das ferramentas tecnológicas, apropriando-se das possibilidades técnicas e, concomitantemente, sendo afetado por elas em todos os aspectos de sua existência (TEIXEIRA 2011).

Em meio a todo esse crescimento tecnológico percebe-se que desde os primórdios o homem, por apresentar-se como um animal gregário, precisou estar em grupos para sobreviver e, assim, com o passar dos anos passou a utilizar cada vez mais ferramentas de tecnologias de informação e comunicação para potencializar e diversificar as diversas maneiras de se comunicar. Uma parcela considerável deste avanço pauta-se na melhoria incessante de processos que permeiam a atividade de comunicação. Assim sendo, a afirmação de Bakhtin (2003) de que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem torna-se cada vez mais contemporânea e ganha um valor incomensurável nos dias atuais.

Hoje, a comunicação toma uma outra extensão, pautada pelo uso de microchips, redes de internet sem fios e pelo excesso de informação. Ao analisar, de maneira pontual, o *buzz* gerado em torno da morte do CEO da Apple, Steve Jobs, a empresa australiana de monitoramento de mídia social, SR7, estima que foram gerados 10 mil *twittes* por segundo citando o ocorrido. O exemplo citado permite inferir que:

Na sociedade mediatizada, as instituições, as práticas sociais e culturais articulam-se diretamente com os meios de comunicação, de tal maneira que a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais (SODRÉ, 1996, p. 27).

De acordo com a CISCO®, empresa estadunidense especializada em soluções em redes de comunicação e dados, o tráfego na internet cresceu 45% em um ano (entre 2009 e 2010), chegando a 15 exabytes³ por mês, e as projeções são de que o fluxo de informação na internet em 2014 será quatro vezes maior, chegando a 767 exabytes no ano. Dentro desta linha de raciocínio, essa comunicação mediada por computador – CMC - trouxe consigo diversas modificações no contexto sócio cultural. Para Recuero,

A Comunicação Mediada por Computador está afetando a sociedade e influenciando a vida das pessoas e a noção de comunidade. Por isso, muitos autores optaram por definir as novas comunidades, surgidas no seio da CMC por “comunidades virtuais” (RECUERO, 2001 p.32).

³ Um exabyte corresponde a 1 bilhão de gigabytes.

Rheingold (1996, p.20), um dos percussores na utilização do termo “comunidade virtual”, traz a seguinte definição:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (Ibid., p. 20).

De acordo com as conjecturas de Rheingold (1996), percebemos como agentes formadores desta comunidade virtual essas discussões públicas, que dentro deste âmbito configuram encontros, articulações, interações e acima de tudo aspectos ligados à linguagem, onde a tecnologia, sobretudo a internet, funciona como plataforma que subsidia toda essa articulação para formação destas comunidades. Entretanto é oportuno salientar que as redes sociais complexas já existiam, para além dos dispositivos tecnológicos e conformidade com a atividade de produção e uso de linguagem. A visão de Wellman (2002, p.2) aponta que

Redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais (Ibid., p. 2).

Como pontuado anteriormente, o homem sempre careceu se comunicar, entretanto, para que essa comunicação seja exteriorizada é latente a presença de

meios que possibilitem a articulação entre os diversos sujeitos envolvidos neste processo. Neste novo cenário, a internet flagrou-se como principal meio articulador para essa forma de comunicar mediada pelas tecnologias. Pierre Lévy (2000) pontua que a internet vem trazer em seu bojo uma desterritorialização e uma virtualização, onde percebe-se uma sociedade caracterizada pela velocidade, multimodalidade e universalidade.

Ainda sobre essa ótica, Lévy (2008) analisa como a tecnologia vem sendo utilizada ao longo dos anos, sem se restringir meramente a artefatos técnicos.

A presente mutação antropológica somente pode ser comparada à revolução neolítica que viu surgirem, em poucos séculos, a agricultura, a criação de animais, a cidade, o Estado e a escrita. Dentre todas as transformações fundamentais que afetaram os países desenvolvidos na época atual, ressaltamos o desaparecimento do mundo agrícola, o apagamento da distinção cidade/campo e conseqüentemente surgimento de uma **rede urbana onipresente**, um novo imaginário do espaço e do tempo sob a influência dos meios de transporte rápidos e da organização industrial do trabalho, deslocamento das atividades econômicas para o terciário e a influência cada vez mais direta da pesquisa científica sobre as atividades produtivas e os meios de vida. As conseqüências a longo prazo do sucesso fulminante dos instrumentos de comunicação audiovisuais (a partir do fim da Segunda Guerra Mundial) e dos computadores (a partir do fim dos anos setenta) ainda não foram suficientemente analisadas. Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma

destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, **um novo estilo de humanidade é inventado** (LÉVY, 2008, p.16-17) [grifo do autor].

Em meio a este pensamento, entendemos que neste “novo estilo de humanidade” (LEVY, 2008, p. 17) houve uma relativização da presença física e do convívio social. As interações sociais agora são pautadas através de um formato digital, eminentemente diferentes de formas outrora utilizadas. Estas novas interações são retratadas através de *decutucadas, curtidas, shares*, (Facebook), *mentions, RTs, unfollows* (twitter).

Para Lima (2013), altera-se o uso, mas não as características fulcrais da linguagem enquanto elemento chave, fundador do pensamento humano e marcado pela noção de dialogismo preconizada por Bakhtin (2003). “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 1961, p.293), ou seja, mesmo com a evolução dos meios de comunicações, a ideia do diálogo sempre a precede.

Ao adentrar pontualmente nas chamadas Redes Sociais (RS), nota-se que os conceitos advogados por Bakhtin estão postulados de uma maneira muito atual, na medida que para se constituir as redes precisam estar pautadas na interação dialógica entre seus membros. Mas antes de realizarmos uma incursão no pensamento bakhtiniano, sentimos a necessidade de exortar as apreciações sobre redes sociais no espaço virtual. Recuero (2009, p109) destaca o seguinte

significado para RS:

[...]sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em publicar e expor redes sociais de atores. São sites cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada a publicização dessas redes(RECUERO 2009, p109).

Entretanto, é oportuno destacar que a rede social não nasceu com o advento da internet. Há muito tempo a sociedade já estava segregada em grupos que interagiam e compartilhavam interesses comuns e lembranças comuns. Nazistas, hippies, EMOS são exemplos de redes que se agruparam para partilhar uma memória e uma identidade similar. Na percepção de Recuero, a rede veio para facilitar as interações *off-line*, de modo que as interações que ocorriam no seio de uma presença física, agora com a internet puderam ter uma característica eminentemente virtual. Seguindo essa linha de raciocínio, Levy corrobora com Recuero quando afirma que

[...] o desenvolvimento das comunidades virtuais acompanha, em geral, contatos e interações de todos os tipos. A imagem do indivíduo 'isolado em frente à sua tela' é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica. Na realidade, os assinantes da Internet (estudantes, pesquisadores, universitários, executivos sempre em deslocamento, trabalhadores intelectuais independentes etc.) provavelmente viajam mais do que a média da população [...] as comunidades virtuais são os

motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LEVY 1999, p.130-131).

No entendimento de Castells (2005, p. 431) a rede mundial de computadores é “a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes” De maneira singela, os usuários se apropriam dessa rede com determinado objetivo (buscar, compartilhar informações, por exemplo) e para formar conexões, constituindo uma rede social.

Dentro deste prisma, Recuero (2010, p. 25) advoga que os atores são percebidos como “representações dos atores sociais ou como construções identitárias do ciberespaço”.

Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado, e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet (RECUERO, 2010, p.27).

Não é objeto deste artigo analisar se houve uma exacerbação dos contatos virtuais em detrimento do contato face a face. Nosso interesse reside apenas em tentar esclarecer alguns conceitos acerca deste tema. Diante do exposto, trouxemos a visão de Boyd & Ellison (2007), que contempla que para que um sistema seja considerado um site de rede social, ele precisa permitir:

- a) a construção de uma persona, uma representação do eu, através de perfil ou página pessoal;
- b) a interação através de comentários/mensagens;

- c) e, por fim, a exposição pública da rede social de cada ator.

Diante destas assertivas que justificam uma rede social, podemos perceber que existe uma proximidade muito grande com os pensamentos de Mikhail Bakhtin. Ao retratar a construção de uma persona, uma representação do eu, observa-se nesse processo, segundo Bakhtin a necessidade do sujeito construir uma imagem para o outro (eu para o outro). Para Bakhtin, a alteridade define o ser humano, é no diálogo das diferenças que a pessoa se descobre como sujeito (identidade) e descobre o outro. Ao criar um perfil em uma rede social cria-se uma representação do eu no formato digital, onde as suas idiosincrasias são pontuadas e formuladas de modo que exista uma representação semelhante à que se pretende criar na vida off-line.

No que tange as interações através de comentários, mais um vez encontramos o pensamento bakhtiniano, sobretudo na aceção do caráter sociológico de uma comunicação discursiva, onde o outro se torna um ente que interage dialogicamente, tornando-se parte da própria constituição da subjetividade individual (o outro pra mim):

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Outro pensamento bakhtiniano que consubstancia essa correlação é o fato de que para Bakhtin (1995) todo discurso manifesta a incorporação do discurso alheio. Essa incorporação pode ser percebida nas redes sociais através de *retwites*, *shares*, *mentions*. Desta forma, entendemos que ao se utilizar o discurso alheio através destes mecanismos, mesmo sofrendo alteração, o discurso do outro ainda pode ser reconhecido. Assim, “o discurso de outrem não se dilui nem se efetua completamente” (BAKHTIN, 1995 p. 145). Desta maneira, percebemos a presença do dialogismo bakhtiniano nas interações online. Na visão do autor, a noção de dialogismo vem preconizada da seguinte forma: “O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. (...) como uma resposta a enunciados anteriores” (BAKHTIN 2003, p. 316).



bluebusbr @bluebusbr

13 dez

É vdd – alcance orgânico das págs de marcas no Fb está baixo, caiu 44% em dez bit.ly/1cFFrzF

 Retweetado por Raquel Recuero

Expandir

← Responder

 Retweetar

★ Curtir

*** Mais

Figure 1 – Retweet

Na figure 1, percebemos claramente o uso do discurso do outro. Raquel Recuero utilizou o discurso do @bluebusbr sem nenhuma alteração do conteúdo, mas ainda assim o discurso de Raquel pode ser percebido conforme demonstra a figura 2:

 Retweetado por Raquel Recuero

Figure 2-Retweet Raquel Recuero

Ao acessar o twitter da pesquisadora Raquel Recuero, mesmo vendo o discurso do outro, nota-se suas preferências, o seu discurso não sofreu alteração e ainda pode ser reconhecido, conforme mostra figura 3.



Figure 2 - Twitter Raquel Recuero

Essa identificação não se restringe apenas a rede social twitter, no Facebook também percebe-se essa relação dialógica, conforme demonstra a figure 4. Similar ao Twitter, no Facebook, o usuário pode alterar o discurso, que mesmo

assim ainda será reconhecido.



Figure 3 - Facebook

Percebe-se que o usuário do Facebook Pedro Alexandre Cabral utilizou-se do discurso do pesquisador André Lemos através do link gpc.andrelemos.info. Mesmo podendo alterá-lo, o discurso de Lemos em hipótese alguma será diluído.

Outro ponto que observamos dentro das redes sociais é a possibilidade de discurso referendado em heterogeneidade, ou seja, um discurso polifônico, conforme Bakhtin, onde várias vozes se intercalam através de ações interativas. Bezerra (2005, p.194) traz uma definição que referencia essa polifonia: "O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico". Nas redes sociais, flagra-se facilmente esse coro de vozes. Tanto no Facebook, Twitter ou Instagram percebe-se diversos atores participando e interagindo dentro de um processo dialógico, através de uma *time line* digital, ou seja, visualizamos

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente (BAKHTIN 2008, p. 308).

Considerações finais

A evolução tecnológica vem se articulando de uma forma cada vez mais dinâmica e necessária no que tange ao atendimento das necessidades humanas. Em meio a tanto desenvolvimento, o homem se configura como um criador e ao mesmo tempo usuário destes *gadgets* que tem como premissa fulcral amplificar a forma como o sujeito se comunica e interage com seus pares.

Hoje a comunicação mediada por computador tem reforçado o pensamento bakhtiniano acerca da vertente que permeia que *“Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”*.

Deste modo, ao inferirmos as acepções em torno da internet, sobretudo os diálogos criados sobre a égide das redes sociais, percebemos que os conceitos outrora advogados por Mikhail Bakhtin, no século passado, são extremamente contemporâneas e podem ser utilizados para compreender o cenário atual. Conceitos como alteridade, dialogismo e polifonia são bastante apropriados para descrever e explicar as articulações a partir das quais se constituem as diversas redes sociais.

No que tange a conjectura levantada na gênese deste estudo (é possível utilizar o pensamento de Mikhail Bakhtin para compreender a forma de interação nas redes



sociais ?), diante do que foi exposto inferimos que mesmo com um *gap* temporal entre os preceitos exortados por Bakhtin e os sistemas de redes sociais na internet os temas são afeitos e existe de certo modo, uma complementariedade, uma vez que o que possibilita a formação dos clusters sociais nestas novas mídias é um diálogo polifônico referendado pelo uso da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes. 2003/ [1979].

Bezerra, P. (2005). Polifonia. In: Brait, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Contexto.

Boyd, D., & ELLISON, N. Social network sites: definition, history, and scholarship. In: *Journal of Computer-Mediated Communication*. 2007. Acesso em: 12 de dezembro de 2013. Disponível em:

<<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>>.

Castells, M. (2005). *A Sociedade em Rede-a era da informação: economia, sociedade e cultura*. (8ª ed.) São Paulo: Paz e Terra

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

Lévy, P. (1995). *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Lévy, P.(2000). *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, (Coleção TRANS).

Lima, R. R. P. de. (2013). *Vozes Sociais em diálogo: uma análise Bakhtiniana dos diários de leituras produzidos por alunos do ensino médio /Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem.*

Recuero, R. (2001). *Comunidades Virtuais - Uma abordagem Teórica*. Acesso em:

10 de dezembro de 2013.

Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf> >

Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.

Rheingold, H. (1994) *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Colección Límites de La Ciência. Barcelona: Gedisa Editorial.

Sodré, M. (1996). *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Vozes.

Teixeira, M. O. (2011) *A construção do enunciado jornalístico no Twitter Pelotas – RS*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas.